

CANTO DO POVO DE DEUS (SL 81)

João Batista Ribeiro Santos

“A arte não reproduz o que vemos, ela nos faz ver”.
Paul Klee

Canto do povo do Deus de Jacó para proclamação da experiência fundante.

Ao lermos o Salmo 81, prestemos atenção às mulheres, homens e crianças trocando de instrumentos. É hora de guardar as enxadas, relhas e sementes e pegar o tamborim, a cítara, a harpa e o chifre. É hora de recolher e vestir a roupa de festa. A gente simples e trabalhadora levanta-se ao convite: “Gritai de alegria a Deus, nossa proteção! Aclamai ao Deus de Jacó! (v. 2). Esses versos devem ser auscultados com vagar.

Neste breve estudo, basicamente vamos realizar uma leitura teológica do canto, considerando os versos 2-6a como manifestação popular. Partimos da hipótese de que os versos 6b-17 são de redação que se interessou em historiar o canto. Ao fazê-lo, interessa-nos ler o convite.

Literariamente, os versos 2-6a e 6b-17 são perícopes bem delimitadas inclusive pelo *Sitz im Leben*: um convite ao louvor comunitário e, em um outro momento, uma formulação teológica da queda de Israel. Em síntese, ao optarmos por analisar o convite da comunidade no Salmo 81, o faremos entendendo o canto no seu contexto social.

Testemunho da ação salvífica

Desde o começo a comunidade de fé aparece com o único propósito de testemunhar o direito. O direito ao Deus de Jacó pode ser entendido em sua manifestação salvífica, mencionada na êxodo, cuja dimensão é atualizada a cada festa comunitária.

Esta visibilidade nos ajuda a distinguir as diferenças latentes e excludentes na literatura do Salmo, já indicadas acima, e que se nos descreve dois seres distintos. Um infiel posposto ao fiel.

Situações pessoais e fatos históricos e de fé justificam o testemunho comunitário – fixado no ser livre – e a infidelidade apresentada como origem das perdas (v. 12: “Não ouviu Israel a Deus”). Sem ambigüidade, uma e outra confissão expressam sentimento de pertença ou desapego a Deus.

Partindo da perspectiva da comunidade fiel, o Salmo 81 motiva o seu convite nas tradições que preservou: libertação, leis, direito. Quem preserva um estatuto, sai a lou-

var. Em comunidades constituídas através da transmissão da fé, há um particular interesse pelas festividades. No círculo familiar a adoração consta da contagem dos dias, percebidos nos costumes ligados às fases da lua, eventos importantes etc.

Em meio aos festejos, a soberania de Deus e seu poder são testemunhados pela saída contra a terra do Egito. Neste particular a menção a José (v.6a) indica uma tradição pré-exílica do Norte. Os cantos tinham a finalidade de contribuir – assim como o próprio culto – na preservação do povo como povo de Deus, assegurando assim o favor divino.

O que nos parece fora de dúvida é que o Salmo 81,1-6a se relaciona com etapas da vida da gente na sua pertença a Deus. É que gente tem memória, guarda tradições familiares. Gosta de se ver como testemunho a Deus.

A voz do salmo é coletiva. Quem convida é o próprio povo: anuncia a si a “nossa festa”, à irmã e ao irmão. Ao nos aproximarmos do canto no seu projeto pedagógico, nos sentimos também livres. E há que ler a escritura.

A tradução literal do canto e do conto da história:

- 1 Para dirigente sobre ... Para Asaf.
- 2 Gritai de alegria a Elohim, nossa proteção!
Aclamai ao Elohim de Jacó!
- 3 Tocai música e soai tamborim,
cítara agradável com harpa.
- 4 Soprai na lua nova chifre,
na lua cheia para dia da nossa festa.
- 5 Pois estatuto para Israel ele,
direito ao Elohim de Jacó.
- 6a Testemunho em José.
Estabelecimento dele em sua saída contra a terra do Egito.
- 6b Linguagem de desconhecido escuto.
- 7 Tirei da carga seu ombro,
suas palmas das mãos da cesta foram tiradas.
- 8 Na angústia gritaste e te libertei,
te respondi em segredo (no) trovão.
Provei-te sobre as águas de Meribá. Selah.
- 9 Ouvi, meu povo, e eu deponho em ti.
Israel, se escutasses a mim!
- 10 Não acontecerá em ti Deus (El) estranho,
e não adorarás a Deus (El) estrangeiro.
- 11 Eu (sou) Javé, teu Deus,
o que te tirou da terra do Egito.
Abre tua boca e a encherei.
- 12 Mas não deu ouvidos meu povo à minha voz,
e Israel não obedeceu a mim.

- 13 E eu os soltei em obstinação dos seus corações,
seguiram em seus juízos.
- 14 Ah se meu povo desse ouvidos a mim!
Israel em meus caminhos se deixassem guiar!
- 15 Como um pouco, seus inimigos eu humilharia,
e contra seus opressores voltaria minha mão.
- 16 Inimigos de Javé adulariam a ele
e seja seu tempo para sempre:
- 17 E o faria comer do melhor trigo
e de penha-mel te satisfaria.

Desta tradução, realizada da Bíblia Hebraica, é bastante anotar que o termo musical do Salmo 81,1 é desconhecido; a referência a Asaf não consta no livro dos Reis e, sim, nas Crônicas. Quanto a “missur devash” (v.17b), de difícil tradução, poderíamos ler “mel silvestre”.

Hermenêutica de lugar

Com proclamações imperativas, o Salmo 81 inicia-se identificando a nossa proteção: o Deus do povo do Norte. Já no início temos um canto original em versos simples. Ao se referir a Deus, localiza-o. Deve-se aclamar ao Deus de Jacó. Portanto, ao localizá-lo, o povo convidado para a testemunhar (“testemunho em José”) identifica-se como povo de Deus.

Alegrear-se é jeito de gratidão que vivifica a memória de libertação!

Uma característica dos hinos de louvor é nomear a divindade mesmo que em termo geral publicando a motivação (p. ex. saída contra a terra do Egito). O canto tem o cuidado de estimar a gente desprovida de aliança estatal. O pequeno José (cf. Am 6,6) é testemunho que se manifesta, como o Deus libertador. O seu lugar é o culto. Refiro-me ao culto comunitário, onde se pode gritar de alegria. Decerto mais tarde o canto chegou ao Sul, e recebeu complementos necessários à rejeição ao ambiente politeísta.¹ Notamos, portanto, que os v. 2-6a evidencia um antigo convite cútico, o proto-Salmo. Logo, os v. 6b-17 representam composição em que as razões teológicas são indubitavelmente templares.

São duas linguagens cútica, temas díspares, cujo ponto central, e conseqüente início da nova abordagem está no v.6b: “Linguagem de desconhecido escuto”.

A comunidade se reúne no seu espaço de adoração popular, talvez um retorno às bamot “lugares altos”. Conhece as tradições das mães e dos pais, e canta! Aliás, é gente que canta e dança. Tem instrumentos musicais e voz. Na verdade das coisas, é a

1. Ao contrário do que tantas vezes afirma Wener H. Schmidt em: *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sino-dal/Escola Superior de Teologia, 2004.

consciência de si que leva o povo a inserir em versos imperativos uma constatação extraordinária (v. 6a).

A música e a aclamação são atos secundários do Templo, de um indivíduo ou de uma comunidade. Considerando a descrição versificada dos instrumentos musicais, a louvação torna-se o primado do momento histórico da comunidade.

Pois bem, o convite festivo na lua nova está ligado ao *xabbat* em redações tardias como Am 8,5 e Is 66,23. Isto atesta a inserção do sábado às principais festas de Israel² e encurta a regularidade cültica.

Na diversidade de instrumentos musicais, mencionam-se pelo menos duas festas: uma na lua nova, possivelmente a Páscoa, e outra na lua cheia, a festa das Tendras. O contexto sócio-religioso revela a igual importância de ambas e sua data aproximada, mas pode ser ainda um acento enfático à renovação da aliança; nesse caso, o estatuto para Israel que é direito ao Deus de Jacó permeia o roteiro litúrgico.

No antigo Israel, o primeiro dia de cada mês, ou lua nova, era determinado pelo toque de chifres. Sendo um dia de descanso, é frequentemente mencionado em contexto com o *xabbat*. Por 2Rs 4,22b-23a, era costume encontrar o homem de Deus na lua nova e no sábado. Se tal relação, presente em textos pré-exílicos, indicar fases da lua, a constância das celebrações fortalece iniciativas pedagógicas ausentes nos rituais templares.³

Quanto às festas na história, há assimilações de tempo e lugar. A festa da Colheita coincide com o descanso na roça, variando entre o começo do ano (Ex 23,16) e o fim do ano (Ex 34,22), com duração de uma semana. Esta festa foi celebração anual da dedicação do Templo de Jerusalém (conforme 1Rs 8,1-2; Sl 132); como a festa das Tendras foi assimilada à Páscoa (Dt 16,1-8), e ainda como festa dos Tabernáculos.

Palavra cantada

Um texto poético quer expressar o ser do/a poeta. Por trás de versos que parecem frágeis como escritura, há um poder expressivo muito grande quando cantado. Na voz de uma comunidade que mantém a memória das experiências de libertação das mães e dos pais, então, a audiência só virá de nós que buscamos a música dos versos que foram gravados tempos depois em pergaminho.

No caso do Salmo 81, há vozes, memórias, experiências de grupos que se expressam, cada um, do seu jeito. Portanto, para a introdução teológica pretendida, os versos 2-6a, que aparecem claramente como antiga tradição, são a nossa inspiração.

Nos três primeiros versículos (excetuando o v. 1), existem quatro verbos expressando ordens positivas, ou seja, na forma imperativa. A repetição sonora acentua o ritmo

2. Assim Rolando de VAUX. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Editorial Herder, 1964, p. 601.

3. Assim, por exemplo, João Batista Ribeiro dos Santos, “Os sacrifícios de animais em Jerusalém e a Torah profética de Yhwh”, *Dissertação de Mestrado*. São Bernardo do Campo; Pós Graduação em Ciências da Religião, 2002, p. 71.

poético. Neles as aliterações soam como acordes, impossível de serem reproduzidos em nossa língua: *harninu lelohim uzznu / hariu lelohê // seu-zimrah / utnu-tof // tiqu.*

Onde se refere especificamente à música, a palavra falada perde a mera forma discursiva e torna-se parte integrante do arranjo musical. Este conjunto único ajuda a contemporizar a ação de Deus no passado, sem, contudo, fazer uma retrospectiva detalhada.

A comunidade é guardiã do louvor ao Deus de Jacó e o tem como estatuto nacional. Desta forma, se vê como libertos.

É possível situar este antigo convite no período da monarquia sulista, entretanto nas comunidades sobreviventes do Norte. A sua ampliação denuncia o espaço delimitado para a sua apresentação. Aí é preciso lembrar o crepúsculo do Reino do Norte, a morte de Jacó (v. 13.15).

De louvação na linguagem do povo, o Salmo 81 ganha pretensões teológicas, e o Elohim de Jacó transforma-se em Elohim, e este em Javé (cf. v. 11a correção posterior aos v. 5 e 6a). Na nova concepção, Elohim é termo geral (não é mais de Jacó) para o nome próprio Javé, o libertador (v. 11a.16), e justifica-se a desgraça do Norte tomando a Israel – o povo que recebeu o antigo estatuto e função testemunhal (v. 5a.6a) – como apóstata. Fundamenta-se inserindo elementos negativos, característicos dos salmos de confiança, na forma de argumentação profética.

A redação do Salmo 81 quer esquecer a saída contra a terra do Egito como evento e origem e, ainda que com alguns versos sem relação ou continuidade (cf. v. 6b.11b ou v. 8.9-11a.12-13), realiza uma interpretação ajuizada da história final de Israel. Também afasta o canto do culto comunitário para ao abordar o destino do infiel Israel falar do poder de Javé no âmbito da sociedade.

Entendemos que a nova tradição do Salmo que chega a nós é de redação templar, com funções políticas, ao acentuar a inobservância de Israel aos mandamentos.

O canto primeiro, a história última

A comunidade traz à memória a libertação do Egito, mas também o estatuto dado por Deus ao antigo Israel. A motivação do convite reflete tanto a exclusividade da fé quanto a soberania do Deus de Jacó (v.).

Frank Crüsemann⁴ afirma que a teologia da palavra divina do Salmo 81 é deuteronomista. No entanto toma como exemplo apenas os v. 7-12 e alude, como foco de seu interesse, à questão Sinai/Meribá. A concepção pós-exílica do canto nos leva ao seu *Sitz im Leben* atual. A voz é voz de profeta cultural e o culto deve lembrar o fracasso no cumprimento do primeiro mandamento (v. 10) por parte de Israel.

4. Conforme: *A Torá*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p. 71.

A voz a escutar é outra!

Seguindo a investigação teológica de Gerhard von Rad, o Salmo 81 registra a festa da renovação da aliança siquemita.⁵ A questão teológica não consiste no fato desta tão antiga tradição de renovação da aliança ter como pactuantes Deus e os do norte. Pois com esta celebração cultual, Israel afirmava a revelação sinaítica em seu tempo.⁶ Porém, não vejo por que incluir o Salmo 81 em sua totalidade, já que a imensa ampliação quer mesmo é denunciar os erros de Jacó e seu fim, sem desenvolver qualquer página litúrgica.

- 1 Para dirigente sobre ... Para Asaf.
- 2 Gritai de alegria a Elohim, nossa proteção!
Aclamai ao Elohim de Jacó!
- 3 Tocai música e soai tamborim,
cítara agradável com harpa.
- 4 Soprai na lua nova chifre,
na lua cheia para dia da nossa festa.
- 5 Pois estatuto para Israel ele,
direito ao Elohim de Jacó.
- 6a Testemunho em José.
Estabelecimento dele em sua saída contra a terra de Misrayim.

O verso 6a lembra que é no culto comunitário que deve ser lembrada a libertação e, portanto, renovada a Aliança. Caso houve uma descrição litúrgica para o Salmo, ela talvez tenha sido considerada linguagem de desconhecido, pois certamente o/os redatores finais não viam motivo para lembranças, a não ser dos definitivos fatos aterradores.

O motivo do Salmo 81 é (re)elaborado teologicamente. Soa, entretanto, estranha a linguagem recente quando ligada ao ritual de culto festivo. A (re)elaboração teológica consistiria em tecer magistralmente o momento de nossa festa com a realidade última, se de fato o enigmático verso 6b fosse precisamente afortunado.

A conversão do canto em prosaica denúncia consiste exatamente no algo desconhecido (estranho no canto). Sem inclusive seu caráter pedagógico, presente apenas no verso 5.

Feitas estas observações, pensamos que a importância teológica para uma exegese deste canto deve partir do tema da convocação litúrgica. No conteúdo da motivação estão profissão de fé e memória das mães e pais, indicados pela como estatuto, direito, testemunho. Como estes termos são manifestos, eles se confundem com a vida do povo, como dádiva.

5. Conforme: Gerhard Von RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. I. São Paulo: ASTE, 1973, p. 249.

6. Assim Gerhard Von RAD. *Idem*, p. 450.

Testemunho de unidade

A própria vida do povo deve nos levar a formulações precedentes. A primeira experiência dos recém-libertos, diante das águas de Mara, é especialmente importante.

Segundo Ex 15,25b, foi em Mara que Javé fixou um estatuto e um direito. Ainda que para muitos exegetas seja uma inclusão sacerdotal⁷, não é necessário muito esforço para entender que tanto Ex 15,25b.26 quanto os versos 5.6a do Salmo 81 são menções bastante antigas, mesmo que divirjam quanto ao instituidor. Os aspectos comuns ajudam inclusive em uma possível consideração a grupos remanescentes no Norte após 722 aC. Como na visão do escrito sacerdotal, o Sinai está vinculado ao surgimento do santuário e do culto⁸, o convite à louvação do Salmo 81 é descrito em memória antiga e restauradora.

Nessas relações, os versos 2-6a são renovação da Aliança sob o estatuto de Mara (Ex 15,25b.26), Siquém (Js 24,25-26) ou do Sinai/Horeb (Ex 27,21)? Em ambos são os do Norte que ouvem. À parte datações, o predomínio é do povo, pois o testemunho está em José. O que o povo entende por testemunho está na sua própria vida!

Por isso está na origem do canto desvincular a nossa festa de um lugar específico. Não é necessário peregrinar a um determinado lugar ou até Deus. A integração também cria a jurisprudência comunitária: Deus fala ao povo (Jacó/José), não a um legislador específico como Moisés ou Josué.

O objetivo, portanto a teologia, talvez para um momento de adversidade, consiste na expansão da esperança. Há um protetor, ainda que e porque a monarquia tenha chegado ao seu fim.

Conclusão

O Salmo 81 permite à leitora e ao leitor envolver-se na simplicidade do canto popular e, na caminhada, com a arquitetura da crítica cultural da história. Pela caracterização dessa crítica, como formulação teológica, voltamos olhos e ouvidos ao levante do povo no louvor comunitário.

Definida a leitura, entendemos que a argumentação posterior é significativa do novo projeto. Nele a fala de Javé é entremeada à fala do profeta cultural e conta dois terços do Salmo.

Pode ser contraditório, mas os onze e meio versículos deixaram-se ver à margem do convite comunitário. A perícopes composta pelos versos 2-6a não mantém relação evidente, no conjunto literário, com os versos 6b-17. Reconhecemos a fibra daqueles poucos versos. Sua origem resistiu ao/aos editores posteriores. Não foi possível arrancar as raízes de fé e experiência, nem abafar o canto alegre de José.

É possível ver o adubo, reconhecê-lo. Conserva vida, envolve, contagia, convida.

A libertação continua valendo gritos de alegria e muita música!

7. Sobre isto, Frank CRÜSEMANN. Op. cit., p. 65s.

8. Cf. Ibidem, p. 66.

Bibliografia

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Vol. 1: *De los comienzos hasta el final de la monarquía*. Madrid: Trotta, 1999, 451 p.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002, 599 p.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Teología de los salmos*. Salamanca: Sígueme, 1985, 296 p.
- RAD, Gerhard von. *Teología del Antiguo Testamento*. Vol. 1: *Las tradiciones históricas de Israel*. 8ª ed. Salamanca: Sígueme, 2000, 591 p.
- SANTOS, João Batista Ribeiro. *Os sacrifícios de animais em Jerusalém e a Torah profética de Yhwh: um estudo a partir de Isaías 1,10-17*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002, 209 p.
- SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2004, 562 p.
- VAUX, Roland de. *Instituciones del Antiguo Testamento*. 4ª ed. Barcelona: Herder, 1992, 771 p.

João Batista Ribeiro Santos
jj.batist@uol.com.br